



DO MESTIÇO À NEGRA DOR SILENCIADA: O SILÊNCIO NA LITERATURA AFRO- BRASILEIRA

FROM THE MESTIZO TO THE SILENCED BLACK PAIN: THE SILENCE IN
AFRO-BRAZILIAN LITERATURE

José Mariano*

* zemariano2012@gmail.com

É pesquisador, poeta e professor. Formado em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, pela Universidade de São Paulo, é mestrando em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa pela mesma faculdade, com bolsa CAPES, lidando com temas como literatura afro-brasileira, estudos culturais, relações raciais e estudos de gênero.

RESUMO: Levando-se em conta a experiência mestiça na constituição da identidade negra no Brasil, o presente artigo busca identificar os mecanismos discursivos e estéticos da produção literária de escritores mestiços. A partir da leitura do poema *Reconhecimento de Nêmesis*, de Mário de Andrade, de seu livro *A costela do grão cão* (1941), desenvolve-se um processo analítico que prioriza a constituição da negritude a partir da experiência do *entre-lugar* de sujeitos mestiços nas identidades sociais – sendo estas constituídas, no texto literário, pela utilização do silêncio como recurso estético e discursivo.

Palavras-chave: Mário de Andrade. Literatura afro-brasileira. Mestiço. Branqueamento. Negritude

ABSTRACT: Taking into account the mestizo's experience in the constitution of black identity in Brazil, this article seeks to identify the discursive and aesthetic mechanisms of the literary production of mestizo writers. Based on the reading of the poem *Reconhecimento de Nêmesis*, by Mário de Andrade, from his book *A costela do grão cão* (1941), a new analytical process is developed by the constitution of a Negritude sense from the "in-between" experience of mestizo peoples in the construction of social identities - which is constituted, in the literary text, by the use of silence as an aesthetic and discursive resource.

Keywords: Mário de Andrade. AfroBrazilian literature. Mestizo. Whiteness. Negritude

1. Lilia Schwarcz expõe a relação entre miscigenação e degenerescência em seu livro *O espetáculo das raças – cientista, instituições e questão racial no Brasil*. A autora afirma que a literatura médica e jurídica da virada do século estava, em muitos níveis, aparelhada às principais teorias que buscavam comprovar a “inata” hierarquia das raças. Nesse imbróglio, o mestiço, por sua origem negra e indígena, foi compreendido como elemento degenerativo da civilização. Representaria, dessa forma, “a diferença fundamental entre as raças”, personificando a “degeneração que poderia advir do cruzamento de espécies diversas”. (SCHWARCZ, 2004, p.56)
2. As linhas divisórias dessas teorias, no entanto, não são facilmente demarcáveis. A professora Ivana Stolze, em sua obra *Brasil Mestiço* (STOLZE, 1991) demonstra como essa figura sempre foi um elemento essencial para a identidade nacional brasileira e como, na virada do século XIX para o XX, diversas teorias raciais buscaram no mestiço e na mestiçagem as respostas para o nosso “problema racial”. Muitas vezes conflitantes entre si, essas teorias não possuíam um denominador comum para a solução da mestiçagem, flertando muitas vezes entre sua recusa total até sua inserção estratégica à identidade nacional.

INTRODUÇÃO

Estudos críticos das mais diversas áreas do conhecimento incorporaram, na virada do século XIX para o XX, a figura do mestiço nos principais debates da constituição do Estado moderno brasileiro. O fim da instituição da escravidão e o desenvolvimento das ordens republicanas são fatores cruciais para o surgimento de um impasse: como conciliar a existência o mestiço no Brasil e a criação de um Estado nacional? Incorporá-lo ou negá-lo à identidade brasileira?

Entre o final do século XIX e a década de 1930, diversos autores debruçaram-se no tema: médicos e juristas, influenciados pelas teorias biologizantes e cientificistas da virada do século, buscaram analisar o mestiço a partir de um suposto caráter degenerativo à sociedade brasileira¹; outros seguiram o caminho trilhado por Gilberto Freyre, a partir da publicação do livro *Casa-Grande e Senzala* (1933), positivando e, em certos aspectos, fetichizando a figura mestiça². Apesar de olhares totalmente distintos da mestiçagem, ambas as frentes teóricas compartilharam uma mesma espinha dorsal: a intrínseca relação entre a constituição de uma identidade nacional, supostamente coesa, e a incorporação ou recusa da figura do mestiço como elemento simbólico e constitutivo do Estado.

Após a década de 1960, com a renovação das pesquisas sobre relações raciais no Brasil, o mestiço assume um papel quase “comprovador” do racismo brasileiro, o produto comum de uma violenta política de branqueamento racial. Esse posicionamento é reforçado nas décadas seguintes e acompanha o avanço da organização dos movimentos populares de combate ao racismo no Brasil que, de forma estratégica, unificaram as distintas experiências do racismo a uma identidade coletiva única, a identidade negra. Essa identidade tornou-se disputa principal do campo simbólico de intelectuais, pensadores e movimentos populares – criando uma oposição entre a identidade negra (composta por pardos e pretos) e branca. O professor Lourenço Cardoso denomina esse movimento de *razão dual racial* (CARDOSO, 2014). Trata-se da divisão do mundo social em dois campos raciais antagônicos – o branco e o preto/negro – que substitui a antiga tríade do indígena, negro africano e branco europeu, transformando as complexas relações raciais no Brasil em uma polaridade dicotômica.

Não é o objetivo deste trabalho apontar erros e inconsistências da prática política adotada por movimentos sociais, políticos e intelectuais da negritude no decorrer das décadas. Busca-se, na verdade, demonstrar que a instituição de uma *ordem racial dual* no mundo social suprimiu a

relação entre mestiçagem e afrodescendência, apartando do discurso coletivo de negritude as experiências locais do mestiço. Dentro do campo dos estudos literários, a negação dessas experiências impediu que obras produzidas por esses sujeitos fossem tidas como produtos culturais afro-brasileiros – exatamente por não partirem de um lugar afirmativo e positivo da identidade negra.

Ora, se a escrita afro-brasileira parte, como diz a escritora Conceição Evaristo, de um suposto “sentimento positivo de etnicidade” que “atravessa a textualidade afro-brasileira” (EVARISTO, 2009), como caracterizar uma literatura constituída nos interstícios da identidade racial e calcada em um lugar de existência dúbio, onde a identidade racial é constantemente colada em disputa e o sentido de etnicidade é resumido em uma eterna dor do não pertencer? Se a relação entre *escritura versus experiência* (DUARTE, 2010) são os pontos essenciais para o emular da experiência racial na literatura, é de prever-se que diferentes sujeitos marcados pela diferença racial incorporarão, de distintas maneiras, o dado da negritude às suas produções literárias.

E é desse imbricado jogo da identidade racial e do emular da experiência à produção literária que surge a importância deste trabalho. Sugere-se que a experiência

mestiça é elemento essencial da literatura afro-brasileira e que o processo de estetização do silêncio discursivo é uma ferramenta formal utilizada por esses escritores para materializar, nos produtos literários, o sentimento de não pertencimento racial. Dessa forma, o silêncio, mais do que apenas a consequência material das lógicas de branqueamento e da instituição ideológica da Democracia Racial, é também um mecanismo de significação (ORLANDI, 1993)³ que dá materialidade ao à literatura afro-brasileira.

Para isso, analisar-se-á o poema “Reconhecimento de Nêmesis”, de Mário de Andrade, do livro *A costela do Grão Cão* (1947), no intuito de formular um processo analítico e interpretativo que nos possibilite o destrinchar das camadas de sentido instituídas pelo silêncio racial. Sugere-se, por fim, a partir da leitura do poema, uma revisão do sentido dado à negritude no intuito de dar luz a experiência mestiça como seu elemento estruturante.

O MESTIÇO NO ENTRE LUGAR

Para melhor compreendermos a posição do mestiço na construção histórica do discurso da negritude, é necessário identificar sua posição nos processos da construção social da identidade racial. De fato, o mestiço, a partir do fim do século XIX, tornou-se um elemento identitário

3. O silêncio como elemento que *significa* o discurso é abordado pela professora Eni Orlandi, em sua obra *As formas do silêncio, no movimento dos sentidos* (1993). A autora distingue duas abordagens do silêncio: o fundante, que é constituinte de qualquer processo discursivo e que “significa o não dito” (ORLANDI, p.24, 1993), e a política do silêncio que, por sua vez, se subdivide em dois conceitos menores: o silêncio constitutivo e o silêncio local. Não irei segmentar o silêncio mestiço a uma determinada explicação teórica da autora. Tal escolha seria árdua, uma vez que a própria constituição do sujeito mestiço se dá através do compartilhamento de distintas experiências da dor e da violência racial. Meu objetivo, em contrapartida, é demonstrar que este violento silêncio não esconde o dado racial e sim o torna latente a partir das instâncias do não dito e do que aparenta estar “escondido” na tessitura do texto literário.

dúbio e fortemente disputado pelas identidades que movimentavam o mundo social.

Kathryn Woodward, professora de Humanidades e Inglês na Universidade de Washington, caracteriza a identidade social como um *sistema simbólico* composto por um conjunto de elementos, valores, produtos culturais e práticas sociais que diferenciam sujeitos entre si a partir da criação da imagem do *Outro*. É essa imagem que nos possibilita classificar o mundo social e nossas relações no seu interior (HALL, 1977a). Ao comentar a construção da identidade sérvia na guerra da Iugoslávia, a autora afirma:

Essa história mostra que a identidade é relacional. A identidade sérvia depende, para existir, de algo fora dela: a saber, de outra identidade (croácia), de uma identidade que ela não é, que difere da identidade sérvia, mas que, entretanto, fornece as condições para que ela exista. A identidade sérvia se distingue por aquilo que ela não é. Ser um sérvio é ser um “não croata”. A identidade é, assim, marcada pela diferença. (WOODWARD, p.9, 2014, grifos nossos)

Uma identidade social é constituída de diferentes sistemas simbólicos que diferenciam o sujeito daquilo que ele não é. Assim, todo processo de identificação social é essencialmente relacional - sujeitos relacionam-se a

partir dos diferentes sistemas simbólicos de representação em jogo. No campo da história e cultura, podemos sugerir que a organização da esfera do trabalho (escravidão) a partir de um marcador racial⁴ (QUIJANO, 2009) e a composição de uma elite econômica majoritariamente branca - que, em parte, temia a grande quantidade populacional de escravos no país (AZEVEDO, 2006) - foram pontos importantes para a formação de dois sistemas simbólicos antagônicos porém fortemente relacionados entre si⁵ – daqueles que compunham o universo simbólico da escravidão; ou daqueles que compunham o universo simbólico da liberdade, da cidadania e da possibilidade de obtenção de bens e privilégios sociais. O que organiza o simbólico desses polos é a noção social de raça e seus valores intrínsecos.⁶

A histórica posição de disputa pela identidade do mestiço dá-se pelo conflito de dois sistemas simbólicos distintos. Por se incorporar ao universo da branquitude e ao universo da negritude simultaneamente, acaba por flutuar no *entre lugar* das identidades raciais. Assim, não se trata de um mero não-pertencimento; pelo contrário, vê-se na verdade uma posição dúbio no movimentar dos processos de identificação social, um planar entre diferentes sistemas simbólicos. Esse imbricado jogo do pertencer/não pertencer dificulta a consolidação de um

4. Anibal Quijano demonstra que a constituição do projeto moderno de dominação europeia dependeu primordialmente de uma divisão racial do mundo. Portanto, a compreensão de raça utilizada pelo autor é a de um elemento de diferenciação com o objetivo de dominação cultural e econômica sobre outros povos, ou pelas palavras do próprio autor, como uma “maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista” (QUIJANO, 2009, p.3).

5. Extremamente importante demarcar, aqui, que não se sugere a existência de apenas dois sistemas representacionais da identidade social durante a instituição da escravidão. O que se afirma é que, em relação a escravidão como modelo organizacional do trabalho, duas identidades majoritárias conflitam-se e organizam as relações de poder. Ou seja, no que se refere à divisão racial do trabalho, das relações interpessoais e dos jogos de dominação e subjugação entre sujeitos, é valioso à análise a divisão dessas identidades em dois polos: o da branquitude e da negritude.

6. É importante demarcar também que os sistemas simbólicos da representação não estão intrinsecamente conectados aos corpos que os constituem. Tratando-se de um sistema simbólico, constituído por elementos e práticas do mundo social, corpos designados como contrários a esse sistema poderiam estrategicamente incorporar elementos do sistema contrário – tendo em vista um suposto benefício ou privilégio social.

mecanismo de comunicação da identidade social mestiça, fazendo com que este se torne um amálgama de distintos sistemas simbólicos já consolidados.

No entanto, em meio a esse imbróglio, como se materializará a subjetividade desse sujeito habitante do *entre lugar* das identidades? Como o indivíduo se relaciona com a disputa simbólica entre a branquitude e a negritude? É exatamente essas dinâmicas que são expostas no processo da estetização do silêncio analisado no poema “Reconhecimento de Nêmesis”, de Mário de Andrade.

RECONHECIMENTO DE NÊMESIS: A RECUSA DA NEGRITUDE

Mário de Andrade foi comumente conhecido como um dos maiores intelectuais da primeira safra dos escritores modernistas. Encontrou o auge no cânone literário nacional ainda vivo, tornando-se referência literária e intelectual na recepção das vanguardas europeias e na pesquisa etnográfica. Porém, um dado, no decorrer desses anos, permaneceu obscuro: sua origem racial.

Um espectro de “cor duvidosa” (CAMARGO, 2018) acompanha Mário durante sua vida. O autor nunca escondeu seu interesse na condição histórica da população negra do Brasil. No entanto, essa produção nunca foi

suficiente para sua inclusão no rol dos grandes intelectuais negros brasileiros. Ainda hoje, mesmo atestada sua origem mestiça, a temática negra em sua obra é lida, por vezes, como incipiente.

De fato, não podemos afirmar categoricamente que, em suas obras, a negritude apareça a partir da afirmação positiva de seus valores ou como um ponto-de-vista engajado com a situação marginalizada de negras e negros na sociedade brasileira. No entanto, é importante evidenciar que é por um modo de composição literário dúbio e ambíguo que vemos a experiência do *entre lugar* mestiço materializar-se em sua obra.

Um dos principais exemplos dessa forma de compor o texto é o seu poema “Reconhecimento de Nêmesis”, escrito no ano de 1926, mas publicado apenas em 1958. Nesse poema, a instância lírica nutre um conflito com sua imagem do passado. Quase com um tom místico, seu “eu” criança materializa-se ao lado de sua mesa de trabalho. Em um primeiro momento, um temor invade a mente do sujeito e vemos seus versos trazendo à tona sentimentos dolorosos, sensações que remetem a sentimentos nunca ditos em vida. Esse conflito entre a imagem do “eu” no presente e a imagem do “eu” no passado torna-se a espinha dorsal do poema, ditando todos os conflitos gerados no texto.

No que se refere à forma, o poema é composto majoritariamente por redondilhas menores (sete sílabas poéticas), com leves alterações rítmicas, e por duas drásticas quebras formais na passagem da penúltima para a última estrofe. Além disso, é perceptível o tom de prosa do poema em que a instância lírica se confunde facilmente com um narrador confessional: sentimos como se estivéssemos em um monólogo em que somos jogados aos confusos sentimentos do amadurecer de um homem. O poema encerra-se com a instância lírica abandonando todos esses pensamentos e afirmando, ao pequeno jovem, que é hora de dormir: “Nesta Rua Lopes Chaves/ Terá um homem concertando/ As cruzes do seu destino (ANDRADE, s.a, p.244)

O conflito entre o “eu” adulto e o “eu” criança surge, logo de início, a partir de um elemento particular da experiência racial: “Mão **morena** dele pausa/ No meu braço... **Estremeci**/ Sou eu quando era guri/ Esse garoto **feioso** (Ibidem, p.240, grifo nosso). A “mão morena” do garoto “feioso” relaciona-se semanticamente ao estremecimento sentido ao encarar as dores de infância, suscitando assim um valor racial ao conteúdo lírico e demarcando a diferença entre o “eu” do passado e o “eu” do presente. Dessa forma, podemos interpretar o elemento racial não somente como caracterizador de algo negativo ao sujeito,

mas também como aquilo que engatilha a dor e o sofrimento racial vivido.

É importante percebermos a maneira pela qual a diferença é emulada no texto: nada é afirmado ou dito, propriamente. Não existe uma confirmação sobre o elemento do dado racial. Pelo contrário, encontramos-nos em um eixo silencioso da conjugação da experiência. É algo apenas suscitado, sussurrado nos entremeios do discurso literário, e materializado apenas através do processo analítico-interpretativo descortinador dos sentidos do discurso: é no silêncio discursivo, no que está colocado no não-dito do texto literário, que percebemos a carga dolorosa da experiência mestiça.

Alguns versos à frente, em um momento em que a instância lírica adjetiva a criança, temos novamente o elemento racial conjugando o conflito entre o eu do passado e o eu do presente: “Eu era menino mesmo/ Menino... Cabelos só,/ Que à custa de **muita escova**/ E de **Muita Brilhantina**, /Me ondulavam na cabeça” (ANDRADE, s.a, p.240, grifo nosso). O processo revela a dificuldade de tornar o cabelo ondulado – uma vez que, muito provavelmente, para o cabelo tornar-se ondulado, ele deveria ser previamente encrespado. Novamente, não existe textualmente um dado unificador dos elementos da negritude

– inclusive a instância lírica em nenhum momento cita algo sobre a grossura de seu cabelo. Mas é nos interstícios do não dito, do dúbio, do contraditório e do desconhecido que o discurso racial toma forma – não em uma concepção política, afirmativa e consciente de raça, mas sim nos próprios processos silenciosos da constituição da experiência mestiça.

Outro trecho simbólico é a décima estrofe: “Puxa! rapazes, minha alma,/ Comprida que não se acaba,/ **Está negra** tal-e-qual/ Fruta Seca de Goiaba! (Ibidem)”. Uma vez incorporada a dubiedade do silêncio discursivo, a adjetivação da alma como negra revela a possibilidade de o exemplo tratar-se simbolicamente de uma alusão ao dado racial. No entanto, é apenas uma possibilidade. O silêncio impossibilita-nos de afirmar: são como “pistas e traços” (ORLANDI, 1993, p.48) de algo não dito e que é apenas sugerido através de nossa leitura.

Em outro trecho, o silêncio é trazido textualmente ao poema. Diz o poeta: Menino, sai! **Eu te odeio**,/ Menino assombrado, feio,/ **Menino de mim**, menino,/ Menino trelento, que enches/ Com teus **silêncios puríssimos**/ A bulha do meu desejo (ANDRADE p.243, s.a., grifo nosso). A instância lírica tenta se afastar da figura do menino, mas instaura simultaneamente um sentimento de desejo

que tem origem no próprio silêncio da criança. De forma contraditória, vemos um amálgama de sentimentos e sensações que flertam entre o ódio e o desejo. É de extrema importância à análise textual verificar como essas sensações passam pelo crivo experiencial da dor racial silenciada, e como essa própria dor é ressignificada a partir do contato com o *Outro*.

Dessa forma, procurar um objeto final e palpável por meio do silêncio discursivo talvez seja um trabalho interpretativo árduo e em vão, uma vez que a função do silêncio na literatura moderna não é afirmar ou categorizar, mas sim fazer escapular as pretensões e esvaziar os porquês. Sugere-se, assim, que não se procure o produto final do silêncio, um denominador comum do elemento racial, ou algo que se possa afirmar categoricamente “aqui se encontra a negritude”. Em contrapartida, se propõe neste trabalho que se averigüe o silêncio em suas camadas discursivas de significação. Sabendo-se que escritores e escritoras buscam muitas vezes emular sua experiência racial no fazer literário, é possível centrar nossa análise nas formas pelas quais o silêncio estrutura a experiência da dor mestiça e nas maneiras pelas quais o elemento da afrodescendência torna-se lacunar e fragmentado. No contexto do poema, o silêncio suscita irremediavelmente um conflito que marca a história de nossas relações

raciais: a posição dúbia do sujeito mestiço no *entre lugar* das identidades sociais e incorporado às lógicas de branqueamento racial que buscam afastar o sujeito de qualquer identificação com a história de luta e resistência do povo negro.

NO SILÊNCIO O DESEJO DO PERTENCIMENTO: O MESTIÇO ENTRE A BRANQUITUDE E A NEGRITUDE

O silêncio é elemento constitutivo do poema de Mário de Andrade, situando a instância lírica em um lugar de indeterminação e transição. A teórica norte-americana de origem mexicana, Glória Anzaldúa, em seu trabalho *Borderlands* (ANZALDUA, 1987), busca compreender a subjetividade do sujeito mestiço a partir de sua posição fronteiriça nas identidades sociais. Em sua obra, ela cunha o conceito *borderland* (fronteira), caracterizado como o lugar vago e indeterminado de todo e qualquer limite (*Boundary*) da identidade social. Ao tratar de fronteiras, imagina-se não somente um referencial espacial, um território específico, mas também valores culturais e simbólicos incrustados em diferentes territórios. Trata-se da transposição do sentido de espaço fronteiriço para sujeito fronteiriço: um habitante de um lugar “inabitado” onde se compartilha com outros sujeitos a imbricada experiência de pertencer e não pertencer simultaneamente às diferentes identidades sociais consolidadas. É importante

frisar que a autora desenvolve sua teoria a partir do processo triangular de experiência, em um contraditório esquema de pertencer/não pertencer às identidades dos povos ameríndios, às comunidades negras norte-americanas e a própria identidade nacional estadunidense.

Vale a pena ressaltar que a *borderland* não atua no silenciamento e ocultamento de cada uma de suas experiências constitutivas, além de não apagar os pontos de contato do *mestizo* com outras identidades sociais. Pelo contrário, o espaço fronteiriço da experiência mestiça tem o poder de ressignificar as identidades já consolidadas, problematizar seus elementos estruturantes e complexificar os processos sistêmicos de identificação e construção da identidade social. A condição móvel desta experiência fragmenta a rigidez de identidades sociais fixas, expondo os conflitos existentes na ordem político-ideológica da identidade social.

Retomando a ideia de sistema simbólico da representação social da identidade, de Kathryn Woodward, já referenciada anteriormente neste trabalho, a *borderland* é o espaço em que sujeitos compartilham a experiência de fronteira de distintos sistemas simbólicos da representação social da identidade. É neste lugar que as identidades fragmentadas se encontram e, apartadas dos sistemas

simbólicos consolidados, acabam por flutuar eternamente na impossibilidade da completa identificação.

No contexto da malha racial brasileira, o mestiço, planando entre a branquitude e a negritude, foi um dos “habitantes” da *borderland* das identidades raciais e nacionais.⁷ A eterna conjugação do pertencer/não pertencer ressignifica as identidades primeiras em um ato silencioso em que os sentimentos, dores, experiências e vivências dos sujeitos ganham valor racial a partir de um “silêncio que significa” (ORLANDI, 1993). Assim, é tornando o silêncio uma forma primordial de comunicação da expressão artística que os sujeitos da *borderland* criam relações de sentido com os sistemas simbólicos de identidades sociais já consolidados. A nós, críticos e leitores, cabe então verificar como as identidades primeiras alteram-se pelo próprio silêncio significador das identidades fronteiriças.

O texto de Mário de Andrade potencializa a posição de conflito do mestiço mimetizando seu desejo de pertencimento à branquitude e recusa da negritude, utilizando, para isso, dos processos de significação do silêncio. Na nona estrofe, diz o poeta “Menino mau, que **me impede/ De entrar também pro recheio/ Das estatísticas... Sai!**” (ANDRADE, s.a, p.243, grifo nosso). A mesma mão que carrega o significado da negritude é agora a mão que

impede o sujeito de sentir-se por inteiro, de adentrar o recheio – análise reforçada pela ordem imperativa (“sai!”) da instância lírica. Afastando de si o elemento da afrodescendência, recusa a memória da dor e do sofrimento, em uma tentativa de aproximação ao polo da branquitude.

Em outro trecho, diz o poeta: “Menino, sai/ Você é o **estranho periódico/ Que me separa do ritmo/ Unânime** desta vida.../ E o que é pior, **you lembra/ Em mim** o que geralmente/ Se **acaba ao primeiro sopro:/** Você renova a **presença/ De mim em mim mesmo...** Eu sofro” (ANDRADE, s.a, p.244, grifos nosso). O menino da infância é tido como um periódico (um elemento de constante retorno e sem data prévia para término) que afasta o sujeito do “ritmo unânime desta vida”. Novamente, a figura da negritude quebra o sentido de constância almejado pelo sujeito. Sendo o ritmo, na estrutura musical, a sucessão regular de elementos em uma mesma cadência, podemos sugerir que a constância rítmica suscitada no poema indica a coesão do pertencimento às identidades sociais. Sendo essas identidades baseadas em práticas, símbolos e elementos que, quando repetidos por um grupo social, erigem um sistema simbólico de representação (WOODWARD, p.9, 2014) podemos sugerir que a constância rítmica almejada é também a vontade de pertença do sujeito a uma identidade coesa.

7. Não se pretende, aqui, o aprofundamento dos sentidos históricos dados aos conceitos de negritude e branquitude. No entanto, com objetivo de evitar lacunas na investigação e facilitar a compreensão do desenvolvimento conceitual, algumas explicações são necessárias. Compreende-se tanto a negritude quanto a branquitude como identidades sociais constituídas na prática do poder social e hierarquizadas a partir da relação entre sujeitos e símbolos. A sistematização dessas identidades e da prática do poder social ocorre pelos sistemas simbólicos de representação de cada um desses polos. Portanto, para compreender os processos de identificação social, é essencial mapear as formas pelas quais os sujeitos se relacionam com os diferentes sistemas simbólicos da representação. Para uma melhor compreensão dos conceitos de branquitude, ver MULLER; CARDOSO (2017) e SCHUCMAN (2020). Para os sentidos do conceito de negritude, ver MUNANGA (2009).

É a presença do menino, símbolo da dor racial, que tira o sujeito do ritmo da vida e que faz a instância lírica lembrar aquilo que busca negar: a presença de si sobre si mesmo. Essa contraditória afirmação mostra a complexidade da formação dos sujeitos da *borderland*, pois, se em nenhum momento a instância lírica afirma uma identidade racial, é a partir da estetização do silêncio que se materializam as tensões incrustadas na experiência mestiça – principalmente no que concerne às relações entre assimilação/rejeição e aproximação/distanciamento.

Sugere-se, portanto, que esse complexo esquema instaure literariamente a lógica do racismo brasileiro por demonstrar: 1) que o processo de branqueamento racial atua sobre os sentidos subjetivos de pertença e desejo; e 2) que o constante retorno epistêmico ao elemento simbólico da negritude impede a incorporação total do sujeito à branquitude.

A QUEBRA RÍTMICA: O ETERNO PROCESSO DE NÃO PERTENCIMENTO A PARTIR DA ESTETIZAÇÃO DO SILÊNCIO

É o elemento da negritude que impede a instância lírica de *sentir-se inteiro* e, conseqüentemente, perpetuar-se na lógica do branqueamento racial. Esse processo, identificado nas minúcias do silêncio do produto literário, é

materializado pela quebra dos versos. Existe, entre a décima e a décima primeira estrofe, uma alteração radical do andamento rítmico do poema: “O projeto inconfessável/**De parar.../ Menino sai!/** Você é o estranho periódico” (ANDRADE, s.a, p.244, grifos nosso).

Esta quebra é potencializada pela utilização da palavra “parar” e pelo uso das reticências. Após a instância lírica demandar a saída do menino (“Menino sai!”), retoma-se o ritmo das redondilhas menores. O que vemos aqui é a representação do emular da experiência do *entre lugar* dos sujeitos que estão sob as lógicas do branqueamento racial. A quebra rítmica trata do próprio ato de consciência que o dado da negritude traz consigo. A ordem imperativa (“sai”), por sua vez, marca o retraimento do sujeito com o objetivo de afastar de si qualquer elemento que o tire do falso pertencimento, que o relembre da dor, que o desloque do falso sentimento do “sentir-se por inteiro”.

Neste momento, o silêncio como processo comunicativo é elevado a outro patamar: se é das entranhas das lacunas silenciosas que surge o processo de significação da experiência mestiça, é nos interstícios da estrutura formal do poema, na utilização dos espaços do silêncio e na tentativa de quebrar a forma literária que vemos a mimetização do processo do branqueamento racial e do

poder da negritude em simultaneamente desestabilizá-la. É quase como se a imagem da infância (a “mão morena”), ao mesmo tempo que projetasse o sofrimento, trouxesse também o soco disruptivo contra a estrutura rígida que fixa o sujeito às lógicas enclausurantes de falso pertencimento à branquitude.

Sob essa ótica interpretativa, a repetição rítmica no decorrer do poema sugere a tentativa do sujeito “estar” por completo. Repete-se as redondilhas, pois é na repetição que as diferenças podem se esvaír e se tornarem elementos indistintos (tornarem-se propriamente o “comum”, o “igual”, o “completo”, a própria branquitude). No entanto, estar por completo soa impossível para quem ocupa o *entre lugar* das identidades sociais. O medo da dor e do sofrimento racial sempre estará pairando. Por isso, os elementos da negritude retornam silenciosamente a todo momento. É também por esse motivo que o sujeito estremece, pois teme que a ordem da falsa indistinção desapareça. A repetição rítmica, assim, mimetiza a repetição infinita da lógica do branqueamento e do falso pertencimento, enquanto a quebra formal, por outro lado, marca o retorno simbólico do mestiço à negritude e sua impossibilidade de se incorporar totalmente à identidade branca.

Sob esse prisma, os pequenos deslizos métricos ganham força semântica: comprovam as lacunas de uma lógica que parece inquebrável, expõe as brechas da lógica do branqueamento racial e revelam como o sentimento de pertença, em um “primeiro sopro” (para usarmos as palavras de Mário de Andrade), pode ser desestabilizado.

Logo após a quebra rítmica relatada, retornamos às redondilhas menores, ao sentimento de enclausuramento e à falsa unidade que apenas a branquitude pode ofertar. O desfecho do poema não é o fim da lógica do branqueamento (interpretação que só seria possível pela quebra rítmica total do poema), e sim o retorno às redondilhas menores e, conseqüentemente, ao sentimento do dúbio pertencimento.

Ao fim, reina o silêncio. O eu-lírico, de uma forma quase afetuosa, convida o menino para dormir⁸. Ambos entram em um comum acordo, tácito e implícito. Será que este menino, símbolo da dor e do sofrimento mestiço, aparecerá novamente? O poema não nos dá resposta, se colocando novamente sob a égide do silêncio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tornou-se um lugar comum por parte de pesquisadoras da área da literatura afro-brasileira elencar elementos

8. É essencial notarmos que tudo está ocorrendo “Nesta rua Chaves Lopes” (ANDRADE, p. 244, s.d.). Trata-se da mesma rua onde morou, durante grande parte da vida, o próprio Mário de Andrade. A relação entre escritura x experiência, levantada no início do poema, reforça como a condição mestiça de Mário de Andrade está vinculada ao desenvolvimento do poema, reforçando a proposta interpretativa

supostamente comprovadores de uma dita afro-brasilidade no texto literário. Esses elementos perpassam frequentemente um sentido de certeza racial e projeção afirmativa e positivada da identidade racial. Esta ideia é sustentada por trabalhos acadêmicos e projetos político literários facilmente demarcáveis na história recente do Brasil. Além de ditar os caminhos de apreensão da experiência racial, esses projetos sedimentam certos lugares essencialistas do “ser negro” no Brasil, dificultando em certos pontos a renovação teórica e metodológica da área.

A escolha pela exposição concreta do elemento racial objetivando a valorização da identidade negra diverge muitas vezes das formas como escritoras e escritores mestiços projetam o dado racial em suas obras literárias. Para estes, o grito de negritude soa muito mais como um sussurro nos entremeios do silêncio discursivo. Ora, a subjetividade alinha-se ao fazer literário: a relação entre *Escritura versus Experiência* (DUARTE, 2010) é contínua e demarca a impossibilidade de separar a dor do racismo do fazer literário. O processo de mestiçagem tornou a experiência da negritude violentamente plural e, muitas vezes, desarticulada de um senso comum de valorização racial ou de uma afirmação positiva da identidade negra. Ao tratarmos de escritores mestiços, a incerteza da identidade é o ponto fundante de uma forma expressiva e o

silêncio é o seu eixo de significação. Por isso, se propõe, aqui, uma nova metodologia de análise, levando em conta 1) a existência concreta de subjetividades mestiças vinculadas à negritude no Brasil; 2) a existência de processos de significação da dor racial por meio da ação discursiva do silêncio.

Caso não seja desenvolvida uma prática teórico-conceitual que renove os estudos da literatura afro-brasileira, podemos estar condenando escritores mestiços à eterna *borderland* das identidades sociais, perdendo de vista os aspectos propriamente afro-brasileiros dessas produções. Dessa forma, sugiro a inversão da equação: que o sujeito mestiço não seja incumbido da tarefa de ressignificar sua experiência de dor para só assim se tornar um agente ativo da negritude, e sim que o próprio sentido do conceito de negritude seja repensado - objetivando a incorporação da experiência mestiça como dado fundante de seu próprio eixo discursivo. O que isso significa na prática? Uma inversão epistêmica: um olhar para os sujeitos violentados pela ideologia da Democracia Racial e pelas lógicas de branqueamento não como sujeitos apartados da negritude, afastados de uma experiência legítima de negritude, e sim como sujeitos que significam a experiência racial a partir do próprio silêncio discursivo.

Para finalizar, a leitura do poema de Mário de Andrade nos indica um caminho: haveriam outros escritores mestiços na história literária nacional que tiveram sua obra relegada ao ostracismo por supostamente não tratarem do dado racial de forma aberta e conscientemente política? Haveriam outros escritores que, por utilizarem o silêncio discursivo como ferramenta de apreensão da experiência racial, foram relegados ao epíteto de “negligente” à questão racial brasileira?

A provocação é também uma proposta para futuros projetos de pesquisa atentos à experiência mestiça na literatura brasileira. Por isso, juntemo-nos pela escuta da experiência negra no Brasil, nem que necessitemos do silêncio para essa escuta existir.

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Celia Marinho de. *Onda Negra, Medo Branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*. São Paulo: Annablume, 2006;
- ANDRADE, Mário de Andrade. **Poesias completas**. São Paulo: Círculo do Livro, s.a.
- ANZALDUA, G. *Borderlands La Frontera: the new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987;
- CARDOSO, L. *O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre branquitude no Brasil*. São Paulo: Editora Appris, 2020;
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 23, p. 113-138, julho/dezembro 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10953>>. Acesso em: 21 jun. 2022;
- DE CAMARGO, O. **Negro drama: ao redor da cor duvidosa de Mário de Andrade**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018;
- EVARISTO, C. “Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”. *Literatura Scripta*, Brasília, v. 13, n. 25, p. 17-31, jan./abr. 2019. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>>. Acesso em: 21 jun. 2022;
- MUNANGA, Kabengele. “As ambiguidades do racismo à brasileira”. In: KON, Noemi Moritz, SILVA, Maria Lucia da e ABUD, Cristiane Curi (orgs.). **O racismo e o negro no Brasil – Questões para psicanálise**. 1. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017;

MUNANGA, Kabenguele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. São Paulo: Editora Autêntica, 2019;

MULLER, T. M. P.; CARDOSO, L. (Org) **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. São Paulo: Editora Appris, 2018;

MUNANGA, Kabenguele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Editora Autêntica, 2019;

ORLANDI, Eni Puccineli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. São Paulo: Editora Unicamp, 2007;

QUIJANO, Anibal. "Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina". In: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, pp. 117-142;

SANSONE, Livio. **Negritude sem etnicidade**. Salvador/Rio de Janeiro: Edufba/Pallas, 2004;

SCHUCMAN, L.V. **Entre o Encardido, o Branco e o Branquíssimo: Branquitude, Hierarquia e Poder na Cidade de São Paulo**. São Paulo: Editora Veneta, 2020;

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: DA SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença*. 15. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014;

Recebido em: 30/07/2022

Aprovado em: 01/02/2023